



INTERDISCURSIVIDADE EM MEMES: DIÁLOGOS COM O DITO E O NÃO DITO NO CONTEXTO DA PANDEMIA

INTERDISCURSIVITY IN MEMES: DIALOGUES WITH WHAT IS SAID AND WHAT IS UNSAID IN THE CONTEXT OF THE PANDEMIC

Abniza Pontes de Barros Leal¹, Aurea Suely Zavam²

RESUMO

As práticas de linguagem contemporâneas estão cada vez mais multissemióticas, e uma verdadeira explosão de (novos) gêneros e textos dominam as práticas multimidiáticas. À escola, compete “não apenas contemplar de forma crítica essas novas práticas de linguagem e de produções, mas também fomentar o debate e outras demandas sociais que cercam essas práticas e usos” (BRASIL, 2018, p. 68). Por esta perspectiva, a partir da centralidade do estudo do texto, entendemos que compete aos professores, em especial os de língua portuguesa, orientar seus alunos para o reconhecimento de diferentes discursos, para as variações do jogo interdiscursivo ditadas por diferentes contextos, para o conceito de enunciado e entendimento do significado de práticas discursivas e de formação discursiva. Com a intenção de atingir nosso objetivo geral de analisar a interdiscursividade em enunciados construídos em memes sobre acontecimentos vividos nos últimos meses pela sociedade brasileira, buscamos responder à seguinte questão: como reconstruir, a partir dos entrecruzamentos dos discursos do cotidiano, o cenário sócio-histórico com o qual interagimos? Promovemos uma investigação qualitativa amparada nos referenciais teóricos de Maingueneau (1997, 2005, 2006, 2012) e chegamos à conclusão de que, sob a função lúdica dos memes, encontra-se um amplo espaço ao entendimento do interdiscurso.

Palavras-chave: interdiscurso; meme; ensino.

ABSTRACT

The contemporary language practices are becoming increasingly more multisemiotic resulting in a real explosion of new texts and genres which start to dominate the mediatic practices. It is up to the school “not only to critically contemplate these new language and production

¹ Professora Doutora da Universidade Estadual do Ceará e coordenadora do ProfLetras da referida instituição. <http://orcid.org/0000-0003-4193-4312>

² Professora Doutora da Universidade Federal do Ceará e coordenadora do ProfLetras da referida instituição. <https://orcid.org/0000-0003-1645-3330>

practices, but also to foster debate and other social demands that surround these practices and its uses (BRASIL, 2018, p. 68). From this perspective, which considers the text as the center of study, we understand that it is up to the teachers, especially the ones of Portuguese language, to guide their students towards the: recognition of different speeches; variations of the interdiscursive game dictated by different contexts; concept of enunciation; and understanding the meaning of discursive practices and discursive formation. This study seeks to accomplish the following general objective: analyze the interdiscursivity in utterances constructed by memes about events experienced in recent months by Brazilian society. We intend to answer the following question: how to reconstruct the socio-historical scenario with which we interact taking into consideration the intersections of everyday speeches? We carried out a qualitative investigation based on the theoretical references of Maingueneau (1997, 2005, 2006, 2012) and reached the conclusion that there is a wide space for the understanding of interdiscourse related to memes' ludic function.

Keywords: *interdiscourse; meme; teaching.*

INTRODUÇÃO

Tomar como ponto de partida a ideia de que o texto cada vez mais revela-se como um sistema aberto, multissemiótico e plurissignificativo é aceitar o fato de que o texto reflete e refrange vários pontos de vista e que sua interpretação, de igual modo, também é passível de reflexo e refração por parte do leitor quando com ele interage. Procuramos neste artigo trazer algumas contribuições ao trabalho de professores da Educação Básica, sobretudo quanto ao eixo da leitura (BRASIL, 2018), por compreendermos que as práticas de linguagem perpassam a interação ativa, isto é, a atitude responsiva (BAKHTIN, 2003) do leitor.

Por outro lado, entendemos que orientar práticas de leitura não é algo tão simples como sugerido por alguns manuais didáticos, material de relevância na docência. Em tais manuais, as noções, por exemplo, de discurso são restritas ao modo como o narrador em textos narrativos se apresenta ou ao diálogo entre textos, quando priorizado, centralizado na temática utilizada, em uma procura por semelhanças ou diferenças, como se os textos não representassem as práticas sociais manifestadas pela linguagem. Dessa forma, acreditamos não ser uma das tarefas mais simples para os professores atender ao que a BNCC propõe quando aborda a dialogia e a relação entre textos: “estabelecer relações de intertextualidade e interdiscursividade que permitam a identificação e a compreensão dos diferentes posicionamentos e/ou perspectivas em jogo” (BRASIL, 2018, p. 73).

Ancoramo-nos, então, em um trabalho com memes, buscando oferecer elementos para uma discussão teórica sobre alguns conceitos que entendemos como necessários, distribuída nas seguintes seções: discurso, interdiscurso, interdiscursividade, formação discursiva e meme, à luz dos textos de Maingueneau. Do ponto de vista metodológico, essa discussão se constitui em uma pesquisa de caráter qualitativo, nas palavras de Paiva (2019, p. 13), “também chamada de pesquisa interpretativa”, por fazermos uma análise discursiva de exemplares de um gênero, que se revela propício ao exercício heurístico pretendido. Por fim, sugerimos que a temática seja abordada no contexto de ensino da língua portuguesa.

Dos inúmeros memes que circularam, no ano de 2020, em redes sociais, difundidos, principalmente, como mensagens de *WhatsApp*, vimos o surgimento de duas temáticas centrais que

demonstravam um forte diálogo entre si: a prevenção ao contágio do novo coronavírus e o descaso do presidente do Brasil, Bolsonaro, em atuar na linha de frente de combate à Covid-19.

Dessas conversas em *smartphone*, organizamos um arquivo pessoal do qual selecionamos seis memes, sendo três relacionados a cada uma das temáticas, para proceder à análise interpretativa do interdiscurso entre as temáticas e o espaço de circulação dos discursos. Mas antes de partirmos para a análise do *corpus*, vamos conversar um pouco sobre noções tão caras ao fenômeno que estamos investigando.

O QUE ESTAMOS TOMANDO POR DISCURSO

Um aspecto sobre o qual queremos chamar a atenção é o conceito de discurso. Alinhamo-nos à ideia central de que esse conceito é basilar para os estudos discursivos, mas não podemos ignorar o fato de que não há consenso entre os estudiosos e de que muitas vezes a abordagem surge a partir de oposições: “discurso *vs.* frase; discurso *vs.* língua; discurso *vs.* texto; discurso *vs.* enunciado” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 168-169). Dentre as várias acepções do termo, destacamos o que nos diz Benveniste (1991, p. 267): “é preciso entender discurso na sua mais ampla extensão: toda enunciação que suponha um locutor e um ouvinte e, no primeiro, a intenção de influenciar, de algum modo o outro”; e o que nos ensina Foucault (2009, p. 144-145): “o discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história [...] e define-se como o conjunto das regras que caracterizam uma prática discursiva”.

Considerando a perspectiva de interpretação dos enunciados encontrados nos memes, em particular nos selecionados para este trabalho, e procurando nos aproximar o mais possível das orientações formuladas pela BNCC, assumimos, então, a concepção de discurso defendida por Benveniste e Foucault, esperando que permita ao professor da Educação Básica desenvolver a compreensão da noção que estamos defendendo de discurso. Não é nossa intenção neste espaço aprofundar, portanto, a referida noção, mas apontar a nossa assunção. Intentamos, precisamente, que o professor entenda que, já no Ensino Fundamental³ é possível, conforme disposto nas competências para o Ensino Médio,

Compreender e analisar processos de produção e circulação de discursos, nas diferentes linguagens, para fazer escolhas fundamentadas em função de interesses pessoais e coletivos (EM13LGG101) (BRASIL, 2018, p. 491);
Analisar o funcionamento das linguagens, para interpretar e produzir criticamente discursos em textos de diversas semioses (visuais, verbais, sonoras, gestuais) (EM13LGG103) (BRASIL, 2018, p. 491);
Utilizar as diferentes linguagens, levando em conta seus funcionamentos, para a compreensão e produção de textos e discursos em diversos campos de atuação social (EM13LGG104) (BRASIL, 2018, p. 491).

Com base nessas orientações e com o fito de deixar clara nossa posição, retiramos alguns excertos para costurarmos melhor o que está sendo tomado por discurso. “[...] produção de discursos, nas diferentes linguagens[...]”; “[...] compreensão e produção de textos e discursos em diversos campos de atuação”. Observemos, então, que discurso não é algo que seja produzido

³ A BNCC faz breve alusão a discurso no texto para o Ensino Fundamental Anos Finais. As poucas ocorrências prendem-se a discurso de ódio, a exemplo do que encontramos na habilidade EF69LP01 - Diferenciar liberdade de expressão de discursos de ódio, posicionando-se contrariamente a esse tipo de discurso e vislumbrando possibilidades de denúncia quando for o caso (BRASIL, 2018, p. 141).

apenas pela linguagem verbal. Em textos com memes, por exemplo, podemos identificar tipo(s) de discurso. Se os discursos aparecem em diversos campos de atuação, vamos deduzir que são diferentes. Ou seja, já poderíamos adiantar a existência de discursos como, por exemplo, social do cotidiano, jornalístico, publicitário, científico etc. Afinal, como vemos em Maingueneau (2012, n/p), “todas as disciplinas estão sujeitas à ordem do discurso, na medida em que o discurso é o lugar onde a realidade social é construída”.⁴

Por outro lado, vamos levantar dúvida quando o mesmo documento norteador afirma que “[...] As fronteiras entre eles [os discursos] são tênues, ou seja, reconhece-se que alguns gêneros incluídos em um determinado campo estão também referenciados a outros” (BRASIL, 2018, p. 85). Mas, como seria esta inclusão? Como reconhecê-la?

Com a preocupação voltada para a compreensão e produção de discursos que se incluem em outros, passamos à discussão sobre interdiscurso, visto já termos defendido texto como um sistema aberto, multissemiótico e plurissignificativo.

DISTINÇÕES QUE ESTABELECEMOS ENTRE INTERDISCURSO E INTERDISCURSIVIDADE

Como salientamos acima, as orientações sobre interdiscurso apresentadas na BNCC não trazem contribuições substantivas. O professor da Educação Básica, possivelmente, perguntará: o que é interdiscurso? Seguindo o modelo escolar de busca por respostas, poderia consultar inicialmente o Dicionário de Análise do Discurso, mas encontraria uma explicação pouco elucidativa: “todo discurso é atravessado pela interdiscursividade, tem a propriedade de estar em relação multiforme com outros discursos, de entrar no interdiscurso” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 286). Contudo, os autores avançam sobre o conceito e falam em interdiscurso “em sentido restritivo e mais amplamente”.

Na primeira concepção, recorrendo a Courtine (1981, p. 54),⁵ postulam que o “interdiscurso é também um espaço discursivo, *um conjunto de discursos* (de um mesmo campo discursivo ou de campos distintos⁶)” (grifo original), que manteriam “relações de delimitação recíproca uns com os outros” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 286). Vamos, então, aceitar que o interdiscurso supõe alguma forma de diálogo entre os discursos.

Na perspectiva de “mais amplo”, interdiscurso seria “o conjunto das unidades discursivas (que pertencem a discursos anteriores do mesmo gênero,⁷ de discursos contemporâneos de outros gêneros etc.) com os quais um discurso particular entra em relação implícita ou explícita” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 286).

Retomando o pensamento foucaultiano, podemos admitir que a unidade discursiva “repousaria secretamente sobre um já-dito; e que este já-dito não seria simplesmente uma frase já pronunciada” (FOUCAULT, 2009, p. 28). Charaudeau exemplifica com o *slogan* “Danoninho vale

⁴ No original: toutes les disciplines sont soumises à l'ordre du discours, dans la mesure où le discours est le lieu où se construit la réalité sociale et où toute entreprise de connaissance relève du discours.

⁵ COURTINE, J.-J. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours. À propos du discours communiste adresse aux chrétiens. *Langages*, v. 62, p. 9-127, 1981.

⁶ A noção de campo discursivo será retomada quando tratarmos de formação discursiva.

⁷ Identificar a relação de um discurso com outros discursos implica necessariamente considerar a noção sobre memória discursiva. Em função do espaço de discussão deste trabalho, diremos apenas que os discursos (os já-ditos) são reconhecidos pelo que está arquivado na memória coletiva.

por um bifinho”, cujo interdiscurso significa “os bifês de carne têm um alto valor proteico, portanto devem ser consumidos” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 286).

Em uma das sete hipóteses a respeito do funcionamento dos discursos, do *Primado do interdiscurso*, Maingueneau (2005, p. 35-36), tentando “tornar o termo menos vago”, diz ser preciso “substituí-lo por uma tríade: universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo”. Universo discursivo entendido como o conjunto de formações discursivas; campo discursivo, apresentado como de pouca utilidade para o analista e definido como o horizonte a partir do qual se dá a constituição dos discursos, permitindo descrever operações regulares⁸ sobre formações discursivas já existentes; e espaço discursivo como subconjuntos de formações discursivas.

Para a análise que iremos fazer, as noções de universo e espaços discursivos serão retomadas, principalmente, por aceitarmos o posicionamento do autor quando acrescenta ser suficiente “considerar qual(is) outro(s) discurso(s) do campo é(são) citados(s) e recusado(s)” (MAINGUENEAU, 2005, p. 37) por segundo(s) discurso(s) constituído(s) de um primeiro discurso.

Como havíamos sinalizado antes, o conceito de interdiscurso tanto se acomoda ao sentido restrito do termo como à ideia mais ampla, significando dizer que um discurso se constitui de outros discursos e que o lugar de produção discursiva é definido pelo lugar que o sujeito ocupa no campo discursivo.

De acordo com a concepção delineada de discurso, não se torna novidade dizer que os discursos dialogam entre si e se fazem presentes nos textos (orais, escritos, multimodais, digitais)⁹ que circulam no meio social. Dois processos são muito recorrentes para a concretização deste diálogo: a intertextualidade e a interdiscursividade.

Para Fiorin (1999, p. 34), “a intertextualidade e a interdiscursividade concernem à questão das vozes [...]. Com efeito, sob um texto ou um discurso ressoa outro texto ou outro discurso; sob a voz de um enunciador, a de outro”. O autor ainda acrescenta: “a interdiscursividade não implica a intertextualidade, embora o contrário seja verdadeiro” (p. 35). Ou seja, dada a natureza dialógica da linguagem, dificilmente, comunicamo-nos sem recorrer a outras vozes, mesmo que de forma reduzida, ademais, conforme vemos em Bakhtin (2011), todo enunciado se relaciona a enunciados anteriores ou posteriores.

Fundamental ainda é reconhecer que a interdiscursividade, tomada como o entrecruzamento entre discursos, ocorre, retomando a BNCC, em diferentes campos de atuação. Importa, então, quando destacamos a função social da leitura, que compreender o interdiscurso e o processo da interdiscursividade é saber identificá-los, reconhecer as formações discursivas em jogo, o discurso empreendido e como aparece em um determinado texto.

PUXANDO O FIO DAS FORMAÇÕES DISCURSIVAS

É comum na literatura sobre formação discursiva os autores prestarem tributo a Foucault e Pêcheux. Embora Maingueneau (2006, p. 10) atribua a esta noção “dupla paternidade”, faz-lhe algumas críticas.¹⁰

⁸ No nosso entendimento, as operações regulares representam os efeitos produzidos pelos discursos em determinada formação discursiva pela articulação de conceitos/temas compartilhados, em consonância com o espaço em que os campos discursivos se realizam.

⁹ Por textos digitais, estamos nos filiando ao posicionamento de Paveau (2021, p. 57) “produções elaboradas *on-line*, nos espaços de escrita e com as ferramentas propostas pela *internet*, e não aquelas transpostas para o espaço digital conectado após a digitalização de espaços escriturais e editoriais pré-digitais”.

¹⁰ A Foucault (2009), o sentido atribuído de “conjunto de enunciados submetidos a uma mesma “regularidade” e “dispersão”; a

Deixando aos analistas do discurso a atribuição de uma discussão profunda quanto às contribuições mais vigorosas dadas por estes autores, visto que Maingueneau (2006) defende a tese de que atualmente os analistas de discurso não seguem tais linhas programáticas, entendemos, baseadas em Foucault, por formação discursiva “o sistema enunciativo geral ao qual obedece um grupo de *performances* verbais – sistema que não o rege sozinho, já que ele obedece aos sistemas lógico, linguístico, psicológico” (FOUCAULT, 2009, p. 131, grifo original). Nesse sentido, entender uma formação discursiva é compreender como e em que condições os enunciados são constituídos, como se organiza seu percurso enunciativo, qual(is) função(ões) exercem.

Julgamos que Maingueneau (2006) elucida mais facilmente esta questão. Ele parte da distinção entre dois tipos de unidades: tópicas (unidades territoriais que correspondem a espaços “pré-delineados” pelas práticas verbais; e unidades transversas que atravessam textos de múltiplos gêneros); não tópicas, compostas por formações discursivas e percursos.

Na abertura de seu texto sobre formações discursivas, o autor explicita essa concepção a partir de exemplos de unidades que abarcam diferentes tipos de discursos como o racista, o colonial, o patronal. Esse posicionamento nos permite entender que cada uma destas e de outras formações discursivas podem conter um “conjunto aberto de tipos e de gêneros do discurso, de campos e de aparelhos” (MAINGUENEAU, 2016, p. 16).

Uma indagação que poderíamos nos fazer é: como agrupar as unidades discursivas para análise? O autor nos aponta o caminho da tomada de decisão do analista, ou seja, uma possibilidade metodológica cuja análise considere os dois tipos de unidades. As tópicas, porque é impossível uma análise que não se volte aos usos languageiros, às unidades de diversas ordens (lexicais, proposicionais, entre outras); as não tópicas, porque a interpretação apoia-se tanto em relações existentes no interior do interdiscurso (por exemplo, as relações formais como tipos de metáforas, de discursos relatados, de gêneros etc.) quanto em percursos assumidos pelos analistas.

Em síntese, concordamos com Maingueneau: se a análise das formações discursivas se restringir apenas às fronteiras estabelecidas pelas unidades tópicas, haverá o risco de resultados puramente linguísticos; se a análise for orientada apenas pelo “capricho dos pesquisadores”, construída de forma arbitrária, haverá o risco de resultados sem inteligibilidade. Assim, para uma análise mais produtiva e consistente, é imprescindível considerar as unidades não tópicas. Passemos, então, à análise propriamente dita, mas antes trazemos algumas considerações, ainda que breves, sobre o gênero com o qual vamos trabalhar.

BUSCANDO COMPREENDER O MEME

Com o avanço da tecnologia, a nossa relação com os textos sofreu considerável mudança, e o interesse por gêneros multimodais e digitais, com o *emoji* e o meme, difundiu-se, sobretudo, entre os usuários de redes sociais e de *smartphones*. Costa (2016, p. 89) salienta que o Dicionário Oxford elegeu, em 2015, o termo *emoji* como sendo a “palavra do ano”. Este fato, como para a autora, causou-nos surpresa, pois, na verdade, não se trata de uma palavra, mas de uma imagem. Muitos trabalhos com *emojis* têm sido desenvolvidos, dentre eles citamos o de Leal e Costa (2019), que investigaram os efeitos produzidos pela conjugação da linguagem verbal e não verbal em mensagens de *smartphones*.¹¹

Pêcheux, a falta de clareza ao par “gênero/posicionamento” na definição de formação discursiva como “determinando o que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada” (MAINGUENEAU, 2006, p. 10-11).

¹¹ A pesquisa foi realizada com 8 participantes do 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Fortaleza-CE.

Por sua vez, em relação ao meme, como salienta Goudet (2016), todos os meméticos francófonos devem ficar maravilhados com a inclusão da palavra meme no dicionário Larousse 2014. O conceito apresentado seria de texto, imagem, vídeo, massivamente captado, advindo da *internet* de forma paródica, que se espalha muito rapidamente, criando comentários. O termo foi cunhado por Dawkins, biólogo, na famosa obra “O gene egoísta”, ao valer-se da analogia com o gene, pela capacidade de autopropagar-se. Assim como um gene, o meme tende à reprodução, à replicação (viral) de uma informação, ideia ou comportamento.

Admitimos, como Silva (2016), que os memes, gerados e propagados no espaço virtual como textos, propiciam comunicação e difusão de conhecimento em situações de interação e contemplam perfeitamente as características prototípicas de um gênero do discurso, inclusive pelo “fato de apresentar um projeto de dizer” (p. 348).

Em consonância com Goudet (2016) e Silva (2016), vemos os memes como textos que dão muitas informações em um espaço bastante reduzido, mas, mesmo assim, oferecem um espaço¹² discursivo para propagar um discurso estereotipado, que, por sua vez, se reconstrói constantemente, mantendo, contudo, a temática inicial, num processo de interdiscursividade. É, pois, sobre esse processo que passamos a falar.

POSSIBILIDADES DE INTERDISCURSO EM MEMES

A posição assumida pelo Estado brasileiro no enfrentamento à Covid-19 causou estranhamento não só à Organização Mundial da Saúde (OMS) como também a muitas potências mundiais. Embora sofresse a perda acelerada de sua população, nossa sociedade não deixou de se manifestar com bom humor, principalmente, pelo uso intenso de memes nas diferentes mídias.

Dentre os conteúdos presentes nesses memes, destacamos dois blocos que dialogam entre si: medidas de prevenção ao contágio do vírus e a falta de percepção do presidente Jair Bolsonaro à gravidade do problema de saúde.

Esses limites estabelecidos nos levaram a admitir a identificação de dois tipos de discursos: “discurso preventivo” e “discurso insciente”. Assim, nossa pesquisa, não deixando de apoiar-se em unidades tópicas, situa-se mais pontualmente no âmbito das unidades não tópicas e, para demonstrar os interdiscursos, lançamos mão das noções de formação discursiva e de percursos (MAINGUENEAU, 2006).

Os memes reproduzidos nas Figuras 1 e 2 dizem respeito à interdiscursividade relacionada às medidas de prevenção sanitária à Covid-19.

No final de 2020, enquanto o Reino Unido começava a vacinar sua população,

Figura 1 – Diálogo com medidas de prevenção contra o novo coronavírus¹³



Fonte: recorte de imagens de arquivo pessoal de conversas em *smartphone*.

¹² O termo espaço, neste contexto, equivale a espaços discursivos em Maingueneau (2006), isto é, como subconjunto de formações discursivas cuja relação o analista julga pertinente para seu propósito.

¹³ Todos os textos, como afirmamos anteriormente, fazem parte do *corpus* coletado pelas autoras.

Figura 2 – Diálogo com a incerteza de informação



Fonte: recorte de imagens de arquivo pessoal de conversas em *smartphone*.

brasileiro quanto ao combate da pandemia. Após o período natalino, a propagação do vírus mostrou-se mais agressiva e, em janeiro de 2021, mesmo com o Brasil tendo somente a vacina produzida pelo Instituto Butantan começando a ser aplicada, o ministro declarou: “Todos os estados receberão simultaneamente as vacinas, no mesmo dia. A vacina vai começar no dia D, na hora H, no Brasil”.¹⁴

Esse meme traz interdiscursividade explícita e implícita. O título, pela alteração da forma Pazuello/Pai Zuello, sinaliza um discurso, novamente de oposição, relativo à figura de um pai de santo – o mesmo que babalorixá, “chefe espiritual e administrador da casa¹⁵” –, enquanto Pazuello não estava administrando seu ministério. Seu pronunciamento, por outro lado, é a reprodução de um discurso, encontrado em espaços públicos (postes e muros), de videntes que prometem realizações muito pouco prováveis de serem verdadeiras. Vemos, então, no processo de interdiscursividade, construído neste meme, um diálogo não apenas com a falta de certeza nas informações, mas, principalmente, com a falta de seriedade na tomada de medidas eficazes. Passemos agora para o meme seguinte.

Mesmo depois de superar parcialmente os obstáculos quanto à aquisição de vacinas, o Brasil, assim como os Estados Unidos e outros países, continuou enfrentando problemas no combate à Covid-19, pois muitas pessoas não se interessavam em serem vacinadas, e outras, por falta de informação, afinal não tivemos uma campanha robusta, tomavam a 1ª dose e não compareciam aos postos de vacinação para a aplicação da dose complementar.

A Figura 3 é mais uma reprodução do conto escrito por Joseph Jacobs, em 1853, sendo esperado, por isso, que, nas inúmeras versões, as falas sejam retomadas com alguma transformação, pois, como nos lembra Maingueneau (1997), a enunciação não se desenvolve sobre uma única linha enunciativa.

os infectologistas alertavam o Brasil para o risco de maior contaminação com a aproximação do Natal. A imagem de Papai Noel e da chaminé, símbolos bastante tradicionais da entrega de presentes a crianças, representa um diálogo com aquele discurso sanitarista ao sugerir que até o bom velhinho precisava se proteger, usando álcool em gel e máscara, colocados como advertência na entrada da chaminé. O discurso de prevenção, contudo, não encontrava eco no discurso e comportamento negacionistas tanto do presidente quanto dos seus representantes no governo. O interdiscurso predominante era de oposição, de ruptura com o diálogo da necessidade de prevenção, e tomava a mesma temática sob pontos de vista diferentes. Vejamos o meme.

No comando do Ministério da Saúde desde maio de 2020, sendo oficializado no cargo apenas em setembro do mesmo ano, o General Pazuello nunca imprimiu confiança ao povo

¹⁴ Cf. <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/vacinacao-comecara-no-dia-d-e-na-hora-h-diz-ministro-da-saude/>

¹⁵ Ver Dicionário Houaiss da língua portuguesa.

Figura 3 – Diálogo com a imunização do vírus pela vacina



Fonte: recorte de imagens de arquivo pessoal de conversas em *smartphone*.

No caso do conto infantil, o que não sofreu alteração foi o discurso realizado por Jacobs: a conquista do sucesso depende de empenho. Além da intertextualidade (diálogo estabelecido com o conto),¹⁶ o interdiscurso se desenvolve quando reconhecemos que não estar vacinado é estar desprotegido, assim como Cícero, o porquinho da casa de palha; vacinado apenas com a 1ª dose significa estar parcialmente protegido, assim como Heitor, que construiu uma casa de madeira, igualmente sujeita à força do sopro do lobo; vacinado com as duas doses é estar mais protegido, não imune aos ataques do vírus, assim como a casa do porquinho Prático, que sofreu os ataques do lobo, mas não foi destruída.

Já os memes das figuras 4 a 6 dizem respeito à falta de sensatez do presidente Jair Bolsonaro tanto em seu comportamento quanto nos discursos pronunciados, a que chamamos de discurso insciente, por entendermos que, no tocante à pandemia, seu discurso foi marcado pela falta de conhecimento, ignorância, além de afronta à ciência.

Como já pontuamos, o discurso de Jair Bolsonaro foi e continua sendo de negação da ciência e dos meios indicados para o combate à propagação do vírus. Em seus pronunciamentos, a pandemia parece ter

Figura 4 – Discurso insciente de Jair Bolsonaro



Fonte: recorte de imagens de arquivo pessoal de conversas em *smartphone*.

¹⁶ Como salientamos na seção em que discutimos a distinção entre interdiscurso e interdiscursividade, onde há intertextualidade há interdiscursividade embora a recíproca não seja verdadeira.

provocado mais danos à economia do País que à vida da população brasileira. Esse meme, que tem como cenografia a tela “As últimas novidades”, de Eugenio Zampighi¹⁷ (mais um caso também de intertextualidade), nos deixa ver vários entrecruzamentos de discursos explícitos e implícitos. O segmento “O sistema não deixa o presidente governar” entrecruza-se com o discurso não apenas de Jair Bolsonaro, mas com o de todas as pessoas que o apoiam, que aceitam essa fala como verdadeira. Nesse enunciado, o nome “sistema” exerce função encapsuladora, pois resume os diversos sistemas (político, jornalístico, econômico) dos quais Bolsonaro alega sofrer restrições. Por esta ordem, vemos que, além dos interdiscursos explícitos, há implicitude na interdiscursividade de formações discursivas que abrigam os textos e discursos do sistema político (artigos, pronunciamentos orais, entrevistas em rádios, jornais e televisão etc.) e do sistema cognitivo.

Os textos e discursos abrigados pelo sistema cognitivo,¹⁸ conforme assumido neste artigo, não são tão facilmente identificados. Em relações cotidianas, vemos circular falas como: “Bolsonaro é um louco”, “não é coerente em suas falas”, “ele não tem juízo”, entre outros. Em entrevistas de especialistas em saúde, a falta de coerência (e não “ter juízo”), por não tomar as providências necessárias, por negar as evidências científicas, surge, como não poderia deixar de ser, de forma muito polida. Mesmo assim, é possível perceber que há um interdiscurso com as falas do presidente.¹⁹ Vejamos mais um meme.

Esta imagem resgata um discurso bíblico do nascimento de Jesus, em que os três reis magos vão ofertar presentes ao filho de Deus. No título, já percebemos interdiscursividade com a fala do presidente, cujo nome completo é Jair Messias Bolsonaro. Inúmeras foram as vezes em que o presidente, valendo-se do “Messias” em seu nome, disse ter sido “enviado” (como o verdadeiro Messias, Jesus) para modificar a política brasileira, e assim, em sua fala, reconhecemos que ele se considera “Messias” (não só ele, mas muitos dos seus seguidores, que acreditam na suposta manifestação da vontade divina, explorada em sua campanha política).

A relação interdiscursiva que atribuímos a esse meme repousa tanto no discurso de prevenção à Covid-19

(“Trago-lhe vacinas”, “Trago-lhe seringas”) como no discurso insciente, de falta de lógica, de capacidade cognitiva, de Jair Bolsonaro, que aparece na fala “Trago-lhe um cérebro”. Nessa perspectiva, há implícito o discurso de que sua cognição sociocultural, derivada de adaptações biológicas (ter um cérebro que responda satisfatoriamente às práticas sociais e discursivas), é redutível de adaptações biológicas, no caso, não ter um cérebro. Passemos agora para nosso último exemplo.

Figura 5 – Diálogo com meios de prevenção e com o discurso insciente



Fonte: recorte de imagens de arquivo pessoal de conversas em smartphone.

¹⁷ Eugenio Zampighi (1859-1944) foi pintor e fotógrafo de influência renascentista, que se dedicou a representar cenas do cotidiano, dos interiores domésticos, atividades de lazer e encontros familiares dos italianos.

¹⁸ Entendemos neste contexto que o sistema cognitivo responde pela aquisição e desenvolvimento do conhecimento humano, mediados pelas práticas sociais, discursivas e interacionais.

¹⁹ A Covid-19 foi considerada por Jair Bolsonaro como uma gripezinha. Daí resultaram muitas outras manifestações discursivas negacionistas.

A leitura que fazemos desse último meme nos faz perceber que as práticas de linguagem atuam na constituição e desenvolvimento de conhecimentos. O fato de Jair Bolsonaro não ter, ou não querer admitir, conhecimentos científicos sobre prevenção de doenças e validade das vacinas, permite que se pense que ele também não tem conhecimentos literários.

Figura 6 – Diálogo com a falta de lógica de Jair Bolsonaro



Fonte: recorte de imagens de arquivo pessoal de conversas em *smartphone*.

ordem, justifica seu discurso de negação a medidas sanitárias, fato que acentuou ainda mais os percentuais de óbitos atingidos por nosso país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões que desenvolvemos neste artigo buscaram mostrar que a interpretação dos interdiscursos observados em memes pode, sim, ser objeto de estudo na Educação Básica, tanto no Ensino Médio, conforme orientações da BNCC, como em séries finais do Ensino Fundamental, afinal, as análises textuais não podem ficar restritas à materialidade linguística do texto quando o universo de leitura dos alunos é formado por muitos outros textos de diversas semioses.

Vimos em nossas análises que reconstruir cenários sócio-históricos, a partir da leitura de entrecruzamentos de discursos em memes, contribui para a compreensão de que estes textos não são apenas uma simples piada, modernizada pela simbiose de linguagens. Esperamos que os professores atuantes neste nível de escolaridade percebam que a leitura deve ser considerada como um processo do qual os significados emergem da combinação dessas linguagens. E mais, que a leitura do reconhecimento de interdiscursos exige que o leitor valorize as falas colocadas nesses textos, que resgate eventos comunicacionais em que tenham sido pronunciadas, que reconheça as formações discursivas e os campos de atuação dos discursos.

Por fim, queremos ressaltar que trazer a leitura dos textos de interesse desses alunos para a sala de aula é, acima de tudo, mobilizá-los para uma leitura crítica do mundo, atenta aos discursos e às ideologias neles implicadas, tentando mostrar-lhes que é através da leitura que nos constituímos sujeitos sociais e assumimos lugar de fala.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Bras. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, [1979] 2003.
- BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Editora Pontes, 1991.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Educação é a base. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 6 set. 2021.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.
- COSTA, G. C. de. A palavra do ano é uma imagem. *Fragmentum*, Santa Maria: Programa de Pós-Graduação em Letras, UFSM, n. 48, p. 89- 103, jul./dez. 2016.
- COURTINE, J.-J. Quelques problèms théoriques et méthodologiques em analyse du discours: à propos du discours communiste adresse aux chrétiens. *Langages*, v. 62, p. 9-127, 1981.
- FIORIN, J. L. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J. L. (org.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: EdUSP, 1999. p. 29-36.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- GOUDET, L. Le dispositif iconotextuel des mèmes: clichés variables et subversión des genres. In: *Fragmentum*. Santa Maria: Programa de Pós-Graduação em Letras, UFSM, n. 48, jul./dez, 2016, p. 63-88.
- LEAL, A. P. de B.; COSTA, A. C. de S. Os efeitos discursivos nas mensagens de aplicativos de conversas virtuais. In: LIMA, A. M. P.; FIGUEIREDO-GOMES, J. B.; SOUSA, J. M. R. de. *Gêneros multimodais, multiletramentos e ensino*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. p. 35-42.
- MAINGUENEAU, D. *Cenas de enunciação*. Curitiba: Criar Edições, 2006.
- MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar Edições, 2005.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. São Paulo: Editora Pontes, 1997.
- MAINGUENEAU, D. Référence électronique, Que cherchent les analystes du discours? In: *Argumentation et Analyse du Discours*, 9, 2012, mis en ligne le 15 octobre 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org/aad/1354>. Acesso em: 10 dez. 2020.
- PAIVA, V. L. M. de O. *Manual de pesquisa em estudos linguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.
- PAVEAU, M.-A. *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*. COSTA, J. L.; BARONAS, R. L. (org.). São Paulo: Pontes Editores, 2021.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Unicamp, 1997.
- SILVA, A. A. Memes virtuais: gênero do discurso, dialogismo, polifonia e heterogeneidade enunciativa. *Revista Travessias*, Cascavel, v. 10, n. 3, p. 341-361, 2016.
- Site**
- <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/vacinacao-comecara-no-dia-d-e-na-hora-h-diz-ministro-da-saude/>. Acesso em: 3 set. 2021.